

Homilias quaresmais, com ecos da *Laudato si'*

2

Quaresma:

A oração como relação (contemplativa) com a criação

O tempo da Quaresma é-nos proposto, pela liturgia, como uma oportunidade para nos reencontrarmos com a fonte da nossa vida interior, a presença do Pai que nos habita no mais profundo de nós mesmos. Do evangelho de Mateus, de quarta-feira de cinzas: «Tu, porém, quando rezares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo; e teu Pai, que vê no segredo, te dará a recompensa» (Mt 6,7). A oração é expressão de recolhimento interior. É um criar espaço e tempo para o encontro com o Pai «que já lá está, no segredo». O segredo é o lugar onde Deus nos espera e nos antecede para o encontro filial. Qual amor amante que se quer encontrar, que se faz desejar, que se propõe com uma antecedência incondicional.

Criando tempo e espaço para esse encontro «no segredo» com o Pai, retiramos a nós mesmos da lógica da produtividade, da eficácia e do fazer. O tempo que dedicamos à oração (em sua aparente inutilidade e não-produtividade) abre-nos à lógica do gratuito (do dom). A vida acontece para além da nossa vontade e da nossa ação. A oração interrompe a lógica do agir produtivo. Em sua hospitalidade de aparente passividade, cultivamos a arte da escuta, da espera e da atenção a nós mesmos e à realidade que nos envolve. Na vigília atenta da oração descobrimo-nos inseridos na gratuidade da vida e da realidade. Interroga-nos S. Gregório de Nazianzeno, desafiando a nossa atitude orante de gratidão: «Quem te dá a chuva, a fertilidade dos campos, os alimentos, as artes, as casas, as leis, a sociedade, a vida tranquila e civilizada, a amizade e alegria da vida familiar?»

Possamos, pois, neste tempo de Quaresma, reconhecer que vivemos e existimos num universo marcado pela gratuidade. Nas palavras do papa Francisco, na encíclica *Laudato si'*, a nossa conversão ecológica passa pelo reconhecimento do mundo «como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem os agradeça. “Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita (...) e teu Pai, que vê o oculto, te dará a recompensa”» (LS, 220). A oração é um desses lugares em que cultivamos (e celebramos) o gratuito da vida. E estejamos conscientes: para que esses tempos orantes possam acontecer, precisamos de saber gerir os nossos horários diários e arrancar, não sem esforço e determinação da vontade, a “inutilidade de um tempo útil”.

Esse tempo de intimidade, de reencontro connosco no acolhimento da paternidade de Deus, pode muito bem ser celebrado ao ar livre, no meio da natureza que rebenta e cresce, perante a grandeza do mar, diante de uma nascente que jorra em abundância (e a seca foi vencida), no espaço aberto de um jardim público, com as suas cores e os seus sons. O quarto interior abre-se à “casa comum” que é a criação, como lugar onde Deus se nos oferece na gratuidade das suas criaturas. A oração é esse tempo

em que nos abrimos à realidade que nos envolve. Em que reconhecemos que todas as criaturas se cumprem num tecido de relações interdependentes no qual estamos inseridos. Pois nenhum ser vivo vive isoladamente. Nas palavras do papa Francisco: «Implica ainda a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal. O crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres» (*LS*, 220).

Possa a nossa oração ser, neste tempo da Quaresma, o lugar em que, agradecidos, contemplamos o mundo como um vasto espaço de fraternidade. E o acolhemos como nossa “casa comum”.